CAUSAS DA EMIGRAÇÃO CEARENSE PARA O ACRE E O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO

ARRUDA FURTADO

Foram três as causas determinantes das migrações cearenses, encaminhadas para o Acre, causas que são estas, na ordem de sua importância:

- a emigração provocada pelas secas, especialmente a de 1877/1879;
- a atração do eldorado amazônico;
- o espírito aventureiro do cearense.

Antes mesmo da explanação das causas apontadas, é interessante que se faça breve apreciação sobre a origem desses colonos desbravadores, e sobre a terra de sua procedência, pois o estudo da natureza dessa gente e dos seus pagos originais explica, de modo satisfatório, os motivos das migrações dos novos bandeirantes.

1
A TERRA DO CEARÁ

Vasto território intertropical, "encantonado no extremo nordeste do Brasil", como diz Pompeu Sobrinho, (2), o Ceará, com os seus 150.216 quilômetros quadrados, apresenta três regiões bem caracterizadas: o litoral, as serras, o sertão.

---

(1) - Conferência pronunciada em Rio Branco, como representante do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico, Antropológico), no dia 8 de agosto de 1977, no Simpósio de História do Acre, promovido pela Comissão Organizadora dos Festejos do Centenário da Colonização do Acre, sob o patrocínio do Governo do Estado, Ministério de Educação e Cultura, Sudam e Universidade Federal do Acre. Foi reproduzida em Fortaleza, no dia 7 de junho de 1978, no auditório Horácio Lafer, na sessão de homenagem ao governo e povo acreanos, promovida pelo Governo do Estado e pelo Instituto do Ceará, a que estiveram presentes o Governador Geraldo Mesquita e o deputado Francisco Teixeira, Presidente da Assembléia Legislativa do Acre e outros deputados.

(2) - "O Ceará - Aspecto Fisiográfico e Antropogeográfico", in "O Ceará", de Antônio Martins Filho e Raimundo Girão, edição de 1966, pág. 11.

O litoral, baixo e arenoso, mais ou menos úmido, que se estende por 573 quilômetros (3) em praias abertas, ensolaradas e frescas, é pontilhado de recantos muito belos, como as praias de Camocim, Tatajuba, Guriú, Jericoacoara, Timbaúba, Mundaú, Trairi, Paracuru, Iguape, Caponga, Beberibe, Mutamba, em toda a orla atlântica, desde a fronteira com o Piauí até a extrema com o Rio Grande do Norte. Litoral piscoso, onde a poesia da jangada cede lugar aos barcos de pesca, modernamente equipados para a captura dos peixes saborosos, e da lagosta, dos quais exportamos, em 1977, 33 milhões de dólares. Litoral salpicado de coqueiros, nas faixas a que a predatória urbanização ainda não chegou, e que avançando terra adentro ostenta os cajueirais nativos e as novas plantações dessa árvore abençoada, que nos renderam, em 1977, na pauta das exportações cearenses, a soma de 24 milhões de dólares.

As serras, as mais importantes com mais de 600 metros de altitude, picos mais altos, um deles superior a 1.100 metros, serras de maior umidade, de temperatura mui amena, na média máxima de 27,4 graus e mínima de 17,2 graus (4), serras onde se cultivam fruteiras, verduras e hortaliças, onde se planta a banana, de que o Ceará é o maior produtor do Pais, exportando-a para vários Estados, do Maranhão até os sertões da Bahia. Serra de panoramas extasiantes, com hotéis modernos para turistas em Guaramiranga, na Serra de Baturité, a famosa Gruta de Ubajara, na Ibiapaba, com o bondinho teleférico. Serras onde se restaura a cultura do café e que, dentro em pouco, tornará o Estado auto-suficiente em realação à rubiácea.

O sertão, de terras argilosas ou argilo-silicosas, de solo raso e rochoso, sertão seco e quente, das caatingas que cobrem três quartos do território cearense. Caatingas virentes, empastadas de gramíneas na época chuvosa para gáudio dos rebanhos, e estorricadas nos fortes estios. Sertão onde o algodão arbóreo, de que somos o maior produtor, ajuda a criar o boi nas suas capoeiras.

Ceará de solo pobre em manchas que não são pequenas, mas de terras fertilíssimas nos aluviões dos maiores cursos d'água.

Ceará de rios que só fluem enquanto duram os invernos fecundantes, à

---

(3) - Waldery Uchoa, "Anuário do Ceará", edição de 1966, pág. 58.

(4) - Pompeu Sobrinho, "Esboço Fisiográfico do Ceará", 3ª edição, 1962, pág. 22.

falta de mananciais permanentes, a não ser nas serras sedimentárias do Araripe e da Ibiapaba, rios que são modestos igarapés, se comparados às grande estradas líquidas da Amazônia.

O território cearense, na expressão de Nertan Macedo (5), "é um vastíssimo saco de serras em que o embutiram, isolando-o dentro da própria região nordestina, e formado pelos chapadões do Apodi, do Araripe e da Ibiapaba, sendo que no litoral, em cujas proximidades vão morrer dois desses maciços serranos, o Apodi e a Ibiapaba, está o mar, que é um apelo à fuga e uma porta sempre aberta à viagem".

Terra pobre, em comparação às regiões desenvolvidas, o Ceará, contudo, teima em produzir, e o valor de suas exportações dá a medida do seu esforço.

Exportamos, em 1977, 105 milhões de dólares, sendo 59 milhões de produtos básicos e 45 milhões de produtos industrializados (6). Vê-se, pelos índices, que já se insinua como região manufatureira, muito embora constitua ainda o setor primário a base de sua economia.

Com os seus recursos, somados às ajudas federais para aqueles empreendimentos que ficam acima de sua capacidade, o Estado apresenta volume apreciável de realizações, com as suas universidades, a sua rede escolar, os serviços de saneamento básico, a açudagem e a irrigação, com tudo, enfim, que ostenta aos forasteiro, o qual sempre chega com a idéia de encontrar no Ceará um Estado de fome e muito atraso.

Apesar de tudo, somos pobres, e entretanto, mau grado todos os óbices, o Ceará sobrevive às crises climáticas e progride.

A formação do povo cearense e a influência do meio agreste sobre a sua natureza explicam o porquê de uma empresa como a de penetrar a selva acreana, subir os rios ignotos e povoar inóspitos lugares.

2
O POVO CEARENSE

A História do Ceará começou sob o signo da calamidade que, no futuro, se repeteria de tempos em tempos, a marcar os períodos de parada, de decadência, algumas vezes.

Nos idos de 1603, o açoreano Pero Coelho de Sousa chegava ao Ceará, com a sua expedição colonizadora, e em 1605, depois da tentativa de ir ao Maranhão, batia em retirada, em trágica retirada pelos sertões adustos, perseguido pela primeira grande seca registrada nas crônicas; passando do

(5) - "Ceará, Vaqueiro Ilustre", in "O Ceará", de Martins Filho e Raimundo Girão, pág. 431.

(6) - Dados estatísticos da Promoexport.

Jaguaribe às praias de Natal, no Rio Grande do Norte, um troço de homens brancos e índios, caindo desfalecidos de sede pelos caminhos, vendo Pero Coelho morrer-lhe à míngua o próprio filho mais velho, na flor dos seus dezoitos anos, à vista de sua mãe desolada. Foi um fracasso. Mas um fracasso não sem boas conseqüências, porque da incursão do bravo bandeirante resultara a fundação do primeiro núcleo lusitano, ao redor do forte de São Tiago; e porque também destruiu a feitoria de franceses aventureiros.

Logo mais, eram os jesuítas Francisco Pinto e Luiz Figueira, à frente de uma expedição composta só de índios, para a obra da catequese, também frustrada, com a morte, pelos Tocarijus, do Padre Pinto, na serra da Ibiapaba, martírio que frutificou depois em aldeamentos definitivos, inclusive o da Ibiapaba, onde mais tarde se faria ouvir a voz eloqüente de Antônio Vieira, o célebre pregador, ensinando o Evangelho ao gentio bronco.

A seguir, em 1612, Martim Soares Moreno, que viera antes, muito jovem, feito soldado na bandeira de Pero Coelho, chega ao Ceará para a posse definitiva. Os fundamentos que lançou perduraram porque a dominação holandesa, de tão breve e circunscrita a pequeno trecho, não passou de um "parêntese holandês", como disse Raimundo Girão (7).

Martim cuidou da nova colônia com muito zelo, trouxe gado e cana de açúcar, e de tal modo se devotou ao seu trabalho que se tornou merecedor da gratidão cearense, passando à lenda dourada do nosso povo na figura do Guerreiro Branco, que Alencar uniu a Iracema, na trama do seu poema em prosa.

Com a retirada dos holandeses, inicia-se o período de intensa penetração do território. Eram os bandeirantes paulistas, vindos pelo São Francisco e varando pelos sertões de dentro, como chamou Capistrano de Abreu; eram os pernambucanos, atravessando a Borborema e vadeando o rio Jaguaribe, todos com o fito de situar fazendas de gado, domando o meio hostil e empurrando os índios no rumo do Piauí.

As sesmarias eram concedidas àqueles povoadores, quase todos de troncos portugueses de velha cepa e de troncos já abrasileirados segundo o espírito nativista que repontou, bem vivo, com as bandeiras paulistas e com a expulsão dos batavos. Foi tal o movimento de ocupação que, no começo do século XVIII, todo o Ceará se povoara. (8).

Começava o ciclo do couro, com a multiplicação dos rebanhos. Criava-se uma aristocracia rural típica, que se não podia igualar à oriunda da cana de açúcar, em Pernambuco, mas que ostentava os seus ares de nobreza, daquela velha nobreza do sertão, ciosa de suas origens.

---

(7) - Pequena História do Ceará, pág. 63.

(8) - Raimundo Girão, op. cit., pág. 76.

Dentro de pouco tempo, era tal a abastança, em matéria de criatório, que se inventaram as charqueadas, no Aracati, e se fabricou a afamada "Carne do Ceará", que o cearense Pinto Martins foi ensinar aos gaúchos, em 1780, quando se estabeleceu em Pelotas, fugindo à seca de 1777.

Depois dessa grande seca, aos poucos se restabelecia a pecuária, mas no período de 1790/1793, a chamada seca grande dizimou o gado das fazendas todas, aniquilando de vez a indústria do charque e reduzindo o povo a extrema miséria.

A determinação cearense é de tal modo inquebrantável, que nunca o povo sucumbiu de todo, recuperando depois o que perdera, se bem que a custo de muito tempo e sacrifício.

É na índole desse sertanejo de quem Euclides da Cunha se ocupou com tanta propriedade, chamando-lhe *forte*, que se iria encontrar a energia capaz de fazê-lo meter-se selva adentro, em bandeirismo mais difícil, mais penoso e mais heróico de que o feito pelos paulistas. Craveiro Costa (9), fazendo eco à opinião de muitos, afirma que, na epopéia do Acre, "o cearense excedeu em pertinácia e arrojo ao bandeirante".

Quanto ao aspecto racial, Gustavo Barroso (10) dá expressiva descrição:

> "Na maioria, o sertanejo resulta do cruzamento do índio com o português. Alguns traem, no gosto pela vida nômade e nas feições, as já diminutas parcelas do sangue irrequieto dos ciganos que o governo da Metrópole mandou povoassem o vale do Jaguaribe. Outros, alourados, fortes, de olhos azuis, lembram os holandeses. Quem viaja pelo sertão encontra amiúdo, brincando na porta dos casais, criancinhas louras de inquietos olhos cor de safira. Essas crianças tornam-se homens queimados, escuros. O sol fana-lhes a cor delicada da meninice, escurece-lhes mais os olhos e dá um tom de cobre vermelho ou de latão sujo ao cabelo louro, que endurece e enrosca com um reflexo metálico".
>
> "Os mestiços do negro com o índio - cabras, e do negro com o português - mulatos, com todas as suas gradações, existem em menor proporção. O negro é quase raro".

O negro é pouco encontradiço, porque foi utilizado quase tão somente nas áreas limitadas ao cultivo da cana de açúcar, no vale do Cariri, principalmente. Além disso, o Ceará foi pioneiro na abolição da escravatura, libertando os negros em 1884, quatro anos antes da Lei Áurea, na época em que já vigoravam a lei proibitiva do tráfego negreiro, a do Ventre Livre e a que alforriava os sexagenários.

---

(9) - "A Conquista do Deserto Ocidental", 1940, pág. 103.
(10) - "Terra de Sol", 6ª edição, pág. 136.

Basta ver que em 1872, para uma população de 721.688 habitantes, os negros somavam apenas 31.915, conforme registra o censo oficial daquele ano (11). E esse número diminuiu, depois, com as mortes, as alforrias, e, principalmente, com as vendas de escravos para outras Províncias, por ocasião das secas que posteriormente ocorreram. Na estimativa do Dr. Sátiro Dias, o número de escravos no Ceará, em 1884, era de 16.000 aproximadamente (12).

Tem-se hoje, como incorreta, a insinuação de Gustavo Barroso, quanto à incidência, tão amiúde, de descendência holandesa no Ceará. Essa descendência foi muito inexpressiva, insignificante, mesmo. O certo será atribuir-se o tipo racial descrito pelo notável historiador à influência étnica de lusitanos do Norte de Portugal.

No que respeita ao retrato psicológico, Pompeu Sobrinho (13) mostra estas diversas facetas do caráter do cearense:

> "Despreocupado, fatalista, via de regra indiferente aos perigos, o cearense não obstante sempre se mostrou ambicioso e hospitaleiro, curioso e indagador, quase nômade, sóbrio, perseverante, com um fino espírito de observação, corajoso e intrépido, orgulhoso e ao mesmo tempo simples, alegre e imaginativo, social e comunicativo, amigo dos divertimentos, sobretudo musicados, da dança, do jogo, dos desportos, da vida familiar, de aventuras perigosas e das intrigas políticas".
>
> "Sem tais predicados e sem a fortaleza orgânica de uma boa constituição, herdada do índio e trabalhada pelo meio áspero, o corpo leve e ágil, o moral sadio, alma esperançosa, como poderia ele ter vencido a agressividade das caatingas, a aridez das praias, a desolação da paisagem.
>
> desnuda dos grandes estios, a morte aparente, mas longa, da vegetação estival, a periódica e insidiosa deficiência do sustento, a secura angustiante do ambiente por ocasião dos grandes verões e das secas calamitosas?"
>
> "Tais qualidades explicam outros fatos que distinguem este povo onde quer que o destino o leve; no Amazonas, - a colonização mortífera, a luta árdua contra o meio brutalmente hostil, a selva sombria, o índio, as feras; no Sul do País e até no estrangeiro, o ímpeto e a argúcia nos combates ou a constância e a resistência nos labores dos campos, no comércio e nas fábricas,, nas funções públicas e na política, situações a que logo se conforma, vence e salienta-se quase sempre".
>
> "Nas letras, revelam os cearenses certa originalidade, bom gosto e bom espírito de crítica, ao lado de decidida tendência para a poesia, o

(11) - Rodolfo Teófilo, "História da Seca do Ceará", pág. 53.
(12) - "A Libertação no Ceará", pág. 16.
(13) - Op. Cit., pág. 17.

gênero alegre, a fantasia, a sátira. A falta de educação adequada e de meios materiais os tem afastado das especulações científicas, dos laboratórios, das pesquisas pacientes a que, entretanto, não são infensos. Neste setor, agora se lhes abrem amplas perspectivas''.

''Os parcos núcleos importantes de população, a vida livre nos campos abertos, claros, batidos pelos ventos salubres e pelo sol saneador, a moralidade dos costumes, a alimentação periodicamente sadia e regrada, o constraste das estações, o hábito de emigrar explicam tanto as qualidades prolíficas do povo e o aumento rápido da semente humana, que germina no Nordeste, desordenadamente, sem assistência social e orientação econômica adequada, como também o patriarcalismo, familiarmente persistente e nocivamente constante na vida pública, razão não desprezível do coronelismo, do nepotismo e do empreguismo desonesto''.

Alonguei-me um pouco neste bosquejo sobre a terra e o povo do Ceará, as origens de sua gente os fatos principais de sua formação histórica e social, o seu modo de ser característico, suas virtualidades, mas fi-lo na tentativa de explicar o fenômeno da emigração para o Acre. Elogios teci, e muitos, à minha gente, mas isso não representa vitupério às várias famílias brasileiras dos outros quadrantes da Pátria. O meu intento foi tão-só louvar os bravos ascendentes de vastíssima parcela do povo acreano, e louvando-os, proclamar o que os acreanos representam de grande na comunidade nacional.

3

A SECA DE 1877/1879, NO CEARÁ, E A EMIGRAÇÃO PARA O ACRE

A seca é esse fenômeno periódico que assola o Nordeste, e mais o Ceará, calamidade de periodicidade incerta, às vezes de dez em dez anos, às vezes com menos tempo, umas limitadas a um ano, outras que duram dois, três e até quatro anos, estas as mais raras, umas relativamente brandas, parciais, chamadas ''repiquetes'', algumas totais, todas, porém, arrasadoras daqueles recursos parcos conseguidos juntar nos anos bons. As suas causas são hipotéticas, a sua imprevisibilidade constante, os seus remédios ainda insatisfatórios.

Quando ocorre uma seca no Ceará, não há mais, com a mesma intensidade, aquele trágico cortejo de miséria extrema, que Rodolfo Téofilo, Domingos Olímpio e Rachel de Queiroz, para citar apenas estes, descreveram nos seus romances de cenas quase inacreditáveis.

É outra, hoje, a infra-estrutura agropastoril. Os meios de comunicação mudaram, sob muitos aspectos, a face do sertão. As estradas, a energia

elétrica na zona rural, o telefone inter-urbano, a televisão, tudo isso facilita a vida do sertanejo. Demais, a assistência governamental existe, embora nunca suficiente. E órgãos como a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas e o Banco do Nordeste são empenhados em criar outra região, completamente diferente daquela de outrora.

A seca é devagar que chega, diminuindo aos poucos a esperança do sertanejo até que ele se desilude de vez. O nordestino, especialmente o rurícola, espera o inverno até 19 de março, dia de São José, padroeiro do Ceará, data que coincide com a da passagem do equinócio. Os mais alentados aguardam ainda mais, até abril e tem sucedido,raríssimas vezes, que nesse tempo chega o inverno ansiosamente desejado.

Para terdes, acreanos, se não a conheceis, idéias de uma seca, notadamente naquele tempo, imaginai fenômeno semelhante no vosso ubérrimo espaço ecológico. Imaginai que em poucos dias secassem os vossos rios caudalosos, os igarapés,os furos, ficando o leito comburido, rachado, à incidência de um sol de fogo. Imaginai que a floresta se desnudasse rapidamente, transformando-se em tétrico cemitério de esqueletos vegetais, hirtos, escuros, levemente bafejados por brisa quente e seca ou por ventos mais fortes, também escaldantes.

Imaginai a frustração total de todas as safras, a falta dos vossos peixes e de vossa farinha, do alimento, enfim. Imaginai a ausência de água até para matar a sede, sendo buscada, a pé, a distância de léguas, onde restassem algumas cacimbas não de todo esgotadas. Imaginai a desnutrição geral, o abatimento psicológico, a retirada de homens e mulheres, velhos e moços, e de crianças, carregando pouca coisa, ao longo dos caminhos, em busca de uma salvação duvidosa em outras paragens, esmolando migalhas quem já foi rico ou arranjado, ou trabalhador válido. Imaginai a promiscuidade, o grande desconforto, as doenças, as pestes, nos albergues. Imaginai todas as misérias e tereis uma visão do que foi o flagelo de 1877/1879, no Ceará daquele tempo, sem os recursos que hoje amenizam os efeitos e os prejuízos da catástrofe. E vereis que diante de quadro assim, muitos dos vossos ancestrais tiveram de optar pela fuga e pela procura de incerta aventura na Amazônia.

É preciso que se diga, antes mesmo de tratar do sinistro de 77, que o Ceará e o Nordeste não são áridos e improdutivos. Na opinião abalizada de Luis Vieira,

> "O Nordeste brasileiro não é um território seco, não é uma região árida, não é uma fração inútil nesse Brasil grande e rico, como erradamente ainda se escreve, se diz e pensa".

"Aí, as precipitações ocorrem normalmente durante anos seguidos e durante as estações chuvosas, embora pequenas, pois não passam de quatro meses, o nordestino heróico consegue tirar, do seu solo generoso, todos os elementos de vida, de conforto, de riqueza até, que o forasteiro contempla quase sem compreender, admirado e surpreso. Mas o fatalismo impiedoso das leis que regem os fenômenos meteorológicos quebra, por vezes, esse ritmo de bonança, essa continuidade de vida: ora é um retardamento no início da estação chuvosa, ora uma interrupção mais prolongada na marcha das precipitações, e o desequilíbrio entre as necessidades da população e a faculdade de produção se manifesta, com intensidade maior ou menor, em proporção com o intervalo de suspensão das chuvas e com a extensão territorial atingida. O nosso Nordeste difere profundamente das regiões tidas como secas, no mundo".

"É árido, *acidentalmente*. Sujeito a descontinuidades eventuais nas estações chuvosas, mas produzindo normalmente o que necessita para sua vida, será mais propriamente chamado Nordeste semi-árido. Longe, porém, de ser esse regime uma vantagem, ele é um fator negativo na equação com a qual procuramos resolver as suas dificuldades. Durante a sucessão de 8, 10 ou 11 anos chuvosos, organiza-se a economia, constroem-se fortunas, normaliza-se a vida, o espírito humano sempre pronto a esquecer as dores, deixa-se embalar nas despreocupações dos dias bonançosos e as vicissitudes da última seca perdem-se nas brumas do passado. Conseqüência: a seca seguinte surge como uma surpresa dolorosa, tanto para o sertanejo pouco previdente como para o próprio governo descuidado. Improvisam-se então os socorros, serviços, emigrações, colonizações... Passado o período crítico, volta o Nordeste ao regime habitual". (14).

Depois do flagelo de 1845/1846, a segunda grande seca daquele século, quando emigraram levas de cearenses, pelos caminhos do Maranhão, que era rota muito preferida, para as zonas úmidas do litoral do Rio Grande do Norte, como o vale do Ceará-Mirim, para o Sul e também para o Norte, o Ceará voltou ao regime habitual. Esqueceu depressa as dores da catástrofe e recebeu da Providência o benefício de 32 anos de invernos sucessivos e safras abundantes, até o triênio fatal de 1877/1879.

Nesse período de fartura, o Ceará se desenvolveu tanto, pelo labor dos seus filhos, pela prodigalidade da terra, pela salubridade do clima, a ponto de dizer, no seu relatório, o engenheiro Dr. Coutinho: "Como o Ceará, só progride a província de São Paulo". (15).

---

(14) - in "História Econômica Geral e do Brasil", de Raimundo Girão, pág. 247.

(15) - Rodolfo Teófilo, "História da Seca do Ceará", pág. 78.

Realmente, a população, que em 1845, era de 340.000 habitantes, em 1877 subia a perto de um milhão (16). Os rebanhos bovinos, sem i contar caprinos e ovinos, gado miúdo a que o sertanejo denomina "criação", somava, em 1876, perto de um milhão e meio de cabeças. E o gado cavalar estava pela ordem de 150.000 cabeças (17). Para cada pessoa havia, assim, mais de um bovino.

O excesso da produção o Ceará exportava. De borracha, que o vulgo chama sernambi, obtida da maniçoba, principalmente, e da mangabeira, exportamos, em 1876, só pela Alfândega da Capital, cerca de 900 toneladas, o que não era irrisório, pois da Amazônia, em 1847, só saíram 624 toneladas, embora logo em 1860 chegasse a 2.600 e em 1911, a 44.000 toneladas (18).

De cera de carnaúba exportamos, em 1876, 122 toneladas, a metade, aliás, do volume de 1866. O decréscimo da exportação não significou diminuição da produção durante o decênio. É que, por último, como esclarece Rodolfo Teófilo, a matéria prima foi industrializada no próprio Ceará, com a fabricação de velas. (19).

A exportação de peixe seco era apreciável. Com o nosso sal abastecíamos o Piauí e o centro do Maranhão, e de açúcar mascavo, a exportação foi de 2.100 toneladas, afora a rapadura, o melaço e a aguardente, vendidos para o Piauí, Paraíba e Bahia.

De couros de boi e peles de animais selvagens, a exportação, naquele ano, foi superior a mil toneladas, e até laranjas exportávamos, sendo que, ainda em 1877, mandamos para a Inglaterra 8.500 caixas.

De algodão, que ainda hoje pesa na economia cearense, foram exportadas em 76 cerca de 4.500 toneladas, o que era relativamente pouco, pois em 71 e 72 a soma anual era de 8.000 toneladas. É que terminada a Guerra da Secessão, nos Estados Unidos da América, reestabeleceu-se a produção daquele País, aviltando-se o preço do produto nacional que, em 1866, era cotado a 26$000 a arroba.

Quanto ao café, a exportação, ainda no ano de 1877, foi de 2.615 toneladas.

Esses números (20), levando-se em consideração a época, os índices demográficos, a ausência de tudo quanto hoje facilita o comércio, a indústria e a agropecuária, são significativos da bonança existente no Ceará, às vésperas do triênio fatídico.

---

(16) - Rodolfo Teófilo, op. cit., pág 48.

(17) - Rodolfo Teófilo, op. Cit., pág. 39.

(18) - Arthur Cezar Ferreira Reis, "A Amazônia que os Portugueses Revelaram", pág. 91.

(19) - "História da Seca do Ceará", pág. 20.

(20) - Dados estatísticos fornecidos por Rodolfo Teófilo, na obra citada.

Eis que chega o ano de 1877. Aguarda-se o inverno com aquela tranqüila esperança, pois há muitos anos as chuvas têm sido regulares, apesar do inverno fraco de 1876 que acarretou a mortandade de parte dos rebanhos. Mas não chove em 77. A seca surpreende. Os seus efeitos logo se apresentam, porque o ano anterior já não fora bom. E o primeiro ano de seca foi terrível. E como se não bastasse a penúria geral, as doenças também dizimavam.

Para se ter uma idéia do colapso da economia, basta ver que os rebanhos de gado bovino, que somavam cerca de um milhão e meio de cabeças, apesar do desfalque do ano anterior, ficaram reduzidos de 90% ao fim do trágico triênio. E que dizer da agricultura? Essa, ficou a zero, logo no primeiro ano.

Perderam-se mais de trezentas mil vidas, quase um terço da população (21), sendo que o obituário do primeiro ano registrou o espantoso número de 119.999 mortes (22). Isto diz da extensão do sinistro.

Diante de uma situação tão alarmante, com as cidades do litoral regurgitando de gente, de trapos humanos resultantes das retiradas, morrendo de varíola, febre tifóide, e outras doenças, esquálidos, cambaleantes, intensificaram-se os socorros, as ajudas, tudo providências improvisadas, tentando salvar o que restava. Só em Fortaleza, cidade, ao tempo, de 25.000 habitantes, se abrigavam mais de 114.000 flagelados, em 1878 (23).

A princípio, diante da corrida para o Norte, o Governo tentou evitar o êxodo, dificultando-o, pensando no desfalque humano que aquela diáspora ocasionaria à Província. Mas depois o próprio Governo incrementou a fuga, como meio de aliviar a situação.

Assim descreve Antônio Bezerra aquelas retiradas dos flagelados, pelo mar, em busca da Amazônia (24):

> ''Sem cômodo, sem alimentação, arrumados nos porões e na coberta como mercadorias em armazéns, expostos os de cima aos rigores do sol e da chuva, sem ar os de baixo, misturados estes com toda a sorte de aves e animais, que para negócio são exportados em quantidade, maltratados da criadagem, sem direito a reclamação alguma, vendo seduzidas suas mulheres e filhas pelos empregados de bordo, sem se poderem moverem nem andar à falta de espaço, sem alimento próprio às criancinhas que choram de fome, sofrem, os pobres coitados, o que é impossivel de se descrever''.

---

(21) - Antonio Bezerra, ''O Ceará e os Cearenses'', pág. 31
(22) - Raimundo Girão, ''Pequena História do Ceará'', pág. 188.
(23) - Raimundo Girão, op. cit., pág. 185.
(24) - Op. cit., pág. 33.

Os navios deixavam os portos do Ceará, apinhados. Um deles, a barca "Laura", levando 300 cearenses, naufragou à altura do farol Salinas, no Pará, perecendo 170 retirantes (25).

Em chegando aos portos de destino, era a mesma miséria, o mesmo desconforto, a mesma penúria, até que alcançassem, em definitivo, o lugar de sua nova habitação, para ali começar de novo a vida, em terra desconhecida, sem parentes, sem amigos, sem recursos, em meio completamente diferente do de sua terra.

Quando terminou a seca, em 1880, haviam saído da Provincia 54.875 dos seus filhos (26), continuando a emigração no curso de outras secas. A respeito dessa corrente migratória, assevera Joaquim Alves (27):

"Durante trinta anos do século passado, de 1869 a 1899, saíram do Ceará 300.902 pessoas, sendo 255.526 para a Amazônia e 45.376 para o Sul, das quais regressaram 113.683, permanecendo fora do Estado 187.219, correspondendo a mais de 62% o coeficiente de fixação, incluídos nesse número os que morreram na esperança de dominar o novo ambiente para onde se transportaram".

"De 1901 a 1943 saíram do Ceará 308.422 pessoas, sendo 293.031 para o Norte e 15.391 para o Sul".

"O regresso dos cearenses elevou-se, até 1933, a 270.677, permanecendo nas terras amazonenses 37.345 e descendo consideravelmente o índice de fixação do homem a 12%. Os grande movimentos de regresso se acentuaram depois de 1910, quando a borracha entrou em colapso. Somadas as parcelas de emigrantes saídos entre 1877 a 1943, temos 609.324, dos quais regressaram 384.360, segundo dados oficiais que compulsamos, correspondendo o coeficiente do homem na Amazônia a 37%".

Se considerarmos a baixissima densidade demográfica de toda a Amazônia, compreendendo o Acre (28), e atentarmos ainda para o fato de ser o cearense muito prolífico, podemos avaliar o contributo que deu o Ceará para o povoamento e colonização da terra acreana.

Sem dúvida nenhuma, foram as secas, pois, notadamente de 1877/1879, a causa primeira da imigração para o Acre.

---

(25) - Rodolfo Teófilo, op. cit., pág. 219.

(26) - Raimundo Girão, op. cit., pág. 186.

(27) - "Notas para uma Introdução à Hsitória da Seca", in "O Ceará", 2ª. ed., pág. 342.

(28) - A Área do Estado do Acre é de 152.589 Km2, segundo Leandro Tocantins, no seu livro "Acre", pág. 9. E a população era, no censo de 1970, de 215.299 habitantes.

4
A ATRAÇÃO DO ELDORADO

Não só a seca foi a determinante do movimento migratório. É certo que as emigrações em massa, encaminhadas para o Acre, foram motivadas pelos flagelos que se abatem sobre o Nordeste. Mas migrações houve, também, pequenas porém constantes, quando os preços altos da borracha fizeram o ouro correr à larga naquelas plagas, espicaçando a ambição do cearense, que o cearense é ambicioso. Não tem a cobiça invejosa de quem se entristece com o bem alheio, mas aquela cobiça honesta de procurar obter o melhor e bem se situar na vida, podendo.

A Amazônia estava no seu esplendor. Arthur Reis diz bem da euforia reinante naquela opulência, quando narra (29):

> "As frotas particulares visitavam todos os rios. O movimento comercial apresentava índices impressionantes. As alfândegas de Belém e Manaus rivalizavam com a de Santos e mais de uma vez estiveram à frente dela nas rendas arrecadadas. O homem amazônico era o que mais contribuia para o erário nacional.
>
> Sua contribuição, *per capita*, distanciava-se da de todos os demais brasileiros. Sabia-se do Brasil, no exterior, pelo café e pela borracha. Os dois produtos valiam como cartão de visita. A civilização brasileira representava-se, assim, pela maior ou menor importância que os dois gêneros iam conquistando e permitindo as reformas de ordem cultural e material que assinalavam as primeiras décadas do período monárquico. Belém e Manaus, reformando-se na sua estética urbana, começavam a apresentar fisionomia de grandes centros. Companhias teatrais viajavam da Europa às duas cidades para apresentar as curiosidades coreográficas do Velho Mundo, ignorando a existência do Rio de Janeiro e mesmo de São Paulo. Os dois Teatros, contruídos com os recursos que asseguravam a euforia ao tesouro dos Estados amazônicos, não tinham rivais no restante do País. Serviços de luz, bondes, eram apontados como modelares. Os dois grandes portos receberam melhoramentos que lhes asseguravam um nível técnico que só o de Santos possuía. Frotas internacionais, norte-americanas, inglesas, portuguesas, italianas, francesas, belgas e alemãs visitavam a Amazônia, transportando as sensações do bem-estar material que se produzia na Europa e nos Estados Unidos e levando para os parques industriais a borracha silvestre. A vida social, mundana, em Belém e Manaus, não tinha rival em qualquer outro ponto do Brasil. Os chamados cafés-cantantes, de tipo parisiense, haviam sido transplantados aos dois centros que se levantavam em plena selva do extremo norte, dando à paisagem uma fisionomia viva, uma cor alegre..."

(29) - Op. cit., pág. 91.

Tinha que ser assim, pois a borracha era o terceiro produto de exportação, ao fim do Império, passando, já no período republicano, para o segundo lugar. E a produção, que em 1860 somava 2.637 toneladas, em 1911 subia para 45.296 toneladas. Os preços, que eram de 5$240 réis, por quilograma, chegavam, em 1910, a 17$800 réis, tendo essas altas provocado imensa riqueza (30).

O nordestino, notadamente o cearense, tomava conhecimento do que ocorria no norte país. Ao Ceará aportavam, de volta, muitos imigrantes endinheirados, bem vestidos, na sua prosápia de novos ricos, grossa corrente de ouro em que se dependurava relógio de alto preço, com modos e requintes de gente abastada, geralmente contando as maravilhas, de par com muitos exageros, das facilidades de se ganhar dinheiro na Amazônia. É o tipo que se denominou o Paroara, e que foi objeto de interessante romance de Rodolfo Téofilo. Outros remetiam dinheiro, pouco ou muito, para a família que ficara no Ceará. E a sempre crescente falta de braços nos seringais fazia com que se mandassem buscar novos contingentes, sendo que os aliciadores decantavam, em cores bem vivas, as belezas e a fartura da Amazônia.

É certo que muitos voltavam sem dinheiro, com a saúde abalada seriamente pelo impaludismo ou beribéri, não escapando mesmo os que voltavam ricos ou arranjados, que a doença não escolhe vítimas. Mas o que predominava era a atração do eldorado, aquela miragem sedutora, em busca da qual muitas vidas se ceifaram nos seringais.

5

O ESPÍRITO AVENTUREIRO DO CEARENSE

Não só as secas do Nordeste, não só a procura do eldorado amazônico foram causas determinantes da emigração nordestina, principalmente cearense, para o Acre. Igualmente o espírito aventureiro do cearense, que o leva a distantes terras, a ínvias paragens, contribuiu também para o fato social da colonização do Acre.

Essa tendência dos nossos para correr terras, as mais longínquas, estabelecer-se em regiões remotas, certamente se deve, em parte, ao espírito aventureiro do português, que saiu pelo mar oceano a dilatar a Fé e o Império, escrevendo no dorso das ondas e nas lutas portentosas em que se empenhou nos vários continentes, aquela epopéia que Camões cantou nos versos dos Lusíadas.

---

(30) - Arthur Reis, op. e loc. citados.

Há de ter contribuído, também certa parcela de sangue cigano. É que El-Rei mandou, por Carta Régia de 15 de abril de 1718, que os ciganos existentes em Portugal fossem para a Índia, Angola, São Tomé, Cabo-Verde, Ceará e Maranhão, e os que vieram para o Ceará nele ficaram quase um século, até 1816, e ainda depois, por muito tempo (31). Se os ciganos pouco se mesclavam com os naturais da Capitania, em virtude mesmo de suas próprias leis, é certo que deve ter havido alguma miscigenação, pois algumas famílias cearenses são originárias de ciganos. Antônio Bezerra, na obra citada, afirma que o Sargento-mor João Nepomuceno Quixabeira, assassinado em 1834, em Limoeiro, era casado com uma cigana, da qual teve vários filhos. Esse caso não terá sido isolado, na transcorrência de mais de um século.

É notório o conhecimento de que os cearenses se encontram, em posições humildes ou de destaque, em todas as partes do Brasil e também no estrangeiro. Seria longo alinhar aqui o que eles têm feito em outros Estados da Federação, radicando-se nas várias regiões, quando não regressam, saudosos, à gleba de seu nascimento, vitoriosos ou frustrados com a aventura.

Encontrados em terra estranhas, até nas mais remotas, como a China e a Rússia, tem-se esse peregrinar e emigrar como uma das características mesmas do cearense.

O já citado Antônio Bezerra revela, ainda no começo deste século, que Mons. Pinto de Campos, no livro "Jerusalém", diz ter alugado a um cearense, no Cairo, burricos para ir visitar as pirâmides. O historiador narra, na obra citada, outros, como os que vão, agora, relembrados.

Em outubro de 1896, o jornal "Federação", de Manaus, noticiava que, na África alemã, um cearense tinha sido multado em 200 marcos, por motivo de briga, e era a segunda vez que recebia a punição.

Na última expedição portuguêsa que atravessou a África, em 1866, do Congo a Moçambique, participava dela, como médico, o Dr. Azevedo, de Aracati.

Henrique Cals, estudando em França, largou o colégio, alistou-se no exército gaulês e participou, com muita galhardia, da guerra Franco-Prussiana, em 1870.

Contam-se cearenses, já naquela época, estabelecidos como comerciantes em Nova Iorque; outros, morando na Inglaterra; empregados de hotel, na China, no Chile, na Argentina, no Uruguai.

Relata o mesmo historiador que, estando um brasileiro em São Petersburgo, ouviu alguém pronunciar palavra em português. Interessou-se pelo fato e lhe trouxeram um rapaz moreno, forte, bem disposto, que era serviçal do hotel, estabelecendo-se o seguinte diálogo:

---

(31) - Antônio Bezerra, op. cit., pág. 19.

- O Sr. é português ?
- Não, Senhor.
- É brasileiro ?
- Sim, Senhor.
- De que lugar ?
- Do Aracati, no Ceará.

Conta também outro episódio, ocorrido quando o Dr. Magalhães Gomes, de Minas Gerais, notável botânico, visitava u'a mina de cobre na Suiça.

''Entrara - diz o cronista - em companhia de outros viajantes e ao dar com os olhos no colosso mineral exclamara involuntariamente arrebatado de admiração: bonito !''

''Nesse momento, um operário aproxima-se dele, e diz-lhe com os olhos úmidos de lágrimas e voz comovida: V. Sa. é brasileiro, eu já vi. Peço-lhe pelo que mais ama no mundo, fale um pouco mais a língua de nossa pátria, que há muitos anos não ouço uma palavra. Fale, fale, em nome de Deus, eu lhe peço. Quero ouví-lo, quero ainda antes de morrer ter a felicidade de escutar ao menos por um momento essa língua, que falava a minha família, quando eu tinha família''.

''Fale, Senhor, fale um instante, eu quero saciar as saudades que tenho da minha pátria''.

O Dr., surpreendido, não sabendo o que dissesse, perguntou-lhe:

- Há anos está aqui?
- Há muitos anos, há um século.
- De onde é natural?
- Sou natural do Ceará''.

Esse espírito de aventura, que levou e tem levado o cearense às mais distantes plagas, numa verdadeira fascinação do desconhecido, levou-o também à ignorada região do primitivo Aquy, não para a cultivar, aformoseando-a, mas para domá-la e amansar o deserto, na expressão de Euclides da Cunha.

Muitos ali chegaram, depois, para o desempenho de funções públicas ou para o exercício de profissões liberais. Dentre estes últimos é exemplo o Senador Fernandes Távora, o qual, na Amazônia, clinicou doze anos, viajando pela sua rede potâmica, como diz na sua interessante monografia intitulada ''Conquistadores do Deserto Verde''.

6
PROCESSO DE COLONIZAÇÃO

A colonização do Acre, pelos nordestinos, na sua quase totalidade cearenses, fez-se, toda ela, com a borracha, pela borracha e para a borracha.

Quando, segundo Leandro Tocantins (32), ficou saturada a ocupação de terras pelo alargamento dos latifúndios, "a geografia da seringueira iria deslocar-se para outros rios, como o Jari, o Xingu, o Tapajós, o Madeira, o Purus, o Juruá, atendendo à transmigração das populações do Nordeste, acossadas pelo fenômeno climático das secas".

Foi a época da intensa penetração do Acre, principalmente nas entradas pelo Purus e pelo Juruá, com as vagas humanas empurradas pela seca de 1877/1879. Mas essa presença cearense, contudo, já se fizera sentir, antes, embora em menor escala, atingindo zonas habitadas só pelo gentio.

Confirmando essa precedência, afirma Raimundo Girão (33):

> "O primeiro, ao menos de quem se há melhor noticia, foi o cearense de Uruburetama, João Gabriel de Carvalho e Melo, o Comendador João Gabriel como veio a ser conhecido, o qual, em 1857, explorou o rio Purus, indo localizar-se e ficar rico em Tauariá, baluarte dos seus vastos negócios".

Arthur Reis também reconhece o fato, quando diz que João Gabriel se instalou a princípio perto da boca do Purus, internando-se pelo rio até ocupar posição em Tauariá, "que fez de cabeça de ponte para as suas incursões em direção ao alto rio, incursões que o levariam a atingir em 1877, dia 3 de abril, o Aquiry ou Acre" (34).

O imigrante, logo chegava ao novo "habitat", tratava-se de se acomodar à nova vida, que o cearense possui invejável capacidade de adaptação. Diz Arthur Reis que eles em breve se adaptavam ao rigorismo da região e aceitavam a nova condição existencial com uma coragem admirável (34).

A partir daí, era participar do sistema social do seringal, fazendo as tarefas mais adequadas às aptidões de cada um, pois no seringal eram várias as atividades, desde a abertura da picada ou varadouro, na floresta fechada, até à defumação do látex e o seu embarque para os centros exportadores.

Não se pode tirar o mérito de alguns sertanistas amazonenses e paraenses, como João Rodrigues Cametá, Manoel Urbano da Encarnação, José Ramos de Oliveira e João da Cunha Correia, os primeiros nas entradas pelo Purus e pelo Juruá (34). Mas ninguém esqueça que, com eles, pioneiríssimos, estavam os cearenses. O Comendador João Gabriel, João Damasceno Girão, de Morada Nova, José de Matos e outros filhos do Ceará, eram da companhia de Manoel Urbano. Quem o proclama é Abguar Bastos (35):

---

(32) - "Amazônia, Natureza, Homem e Tempo", pág. 171.

(33) - "Pequena História do Ceará", pág. 187.

(34) - Op. cit., págs. 85 e 86.

(35) - Introdução ao livro de Craveiro Costa, cit., pág. 20.

"Em 1877 chegava à foz do rio Acre uma lancha: a "Anajás". Nela vinha o primeiro e maior explorador do Acre: Manoel Urbano da Encarnação. Entre outros acompanhavam-no seu filho Braz Urbano, João Gabriel de Carvalho, Chagas de Souza, Damasceno Girão, Antônio do Sacramento, José de Matos".

É certo que maranhenses também ali chegaram, sob o comando de Pereira Labre e Rocha Tury, e que o pernambucano Manoel Nicolau de Melo se estabeleceu no lago Ayapuá, no Purus (36), mas, indiscutivelmente, ninguém pode arrebatar aos cearenses a glória do seu pioneirismo e do seu esforço titânico na conquista do Acre. Pelos seus sertanistas, liderando as entradas, e pelo grosso da vaga humana que invadiu o extremo sudoeste amazônico, indiferente e ignorando a soberania oficial da Bolívia, os cearenses povoaram as selvas incorporando-as ao mapa do Brasil.

A esse respeito, Craveiro Costa dá um testemunho de alta valia (37):

"Nas grandes investidas da civilização amazônica, o cearense foi sempre o elemento preponderante. O Acre é obra deles, como produto do seu arrojo e da sua tenacidade é o povoamento de todo o interior do Amazonas. Os brasileiros de outras paragens, que para ali foram, tornaram-se meros seguidores obedientes dos costumes, das normas de viver e do método de trabalho introduzido pelo cearense das primeiras migrações. E, por muito tempo, o Ceará foi o fornecedor do braço e da inteligência a toda aquela região. Porque a Amazônia, especialmente o Acre, exercia uma influência dominadora, uma atração irresistível no espírito do cearense sertanejo".

Os fatos estão a comprovar a precedência cearense. O fundador da cidade de Antimari, depois Floriano Peixoto, foi João Damasceno Girão, o seu primeiro Prefeito. Rio Branco, a simpática Capital do Estado, é expansão demográfica do barracão "Empresa" de Neutel Maia, outro cearense (38).

Os nomes dos observadores, ainda não citados, Antônio Geraldo da Silva, Francisco Inácio Pinto, Manoel Felício Maciel, Antônio Mariano Pereira, Alexandre de Oliveira Lima - o famoso Barão da Boca do Acre, João de Pontes Nogueira, Francisco Fernandes, Francisco Xavier de Freitas, Jerônimo Correia, Anselmo Melgaço, e tantos outros, ainda ecoam na

(36) - Arthur Reis, ibidem
(37) - Op. cit., pág. 104.
(38) - Raimundo Girão, op. cit., pág. 187.

profundeza da terra acreana, tal a participação que tiveram na odisséia que agora se relembra.

Como seria o processo de colonização, naqueles tempos e naquelas precaríssimas condições de vida ? Era o processo do trabalho áspero de abrir caminho na floresta densa, impenetrável e perigosa. O trabalho continuado, a partir da madrugada, para a sangria das seringueiras e colocação das tigelas em que se recolhia o látex precioso. Era participar dos vários misteres daquela atividade: na função de ''mateiros'', descobrindo as seringueiras na cópia imensa de árvores variadas; como ''toqueiro'', abrindo a ''estrada''; no trabalho de ''comboieiro'', conduzindo os burros de carga para o ''centro'' e trazendo a borracha para a beira; no mister de lavrador e criador, ao redor do barracão, cuidando do pequeno criatório e das lavouras de subsistência; como ''caçadores e mariscadores'', também empregados na busca de alimentação.

O ''centro'' era o teatro mesmo da exploração direta da borracha. Era o lugar pior, em que se realizavam as atividades mais perigosas, o trabalho mais estafante, na solidão mais silenciosa. Distava muitos quilômetros das margens dos rios, na terra firme, em plena mata, ao alcance dos perigos de índios e de feras, em lugares que ofereciam abundância de seringueiras à cupidez generalizada.

Ali, com o seu cão e o seu rifle, o seringueiro permanecia só, no dédalo dos caminhos, pois as árvores dadivosas se espalhavam em grandes áreas, de modo que os caminhos se embaraçustavam e o caboclo tinha de marcar nas árvores o caminho de volta, como no conto infantil de João e Maria.

O isolamento do seringueiro, por muito tempo, no seio da floresta, poderia afetar-lhe a mente. Para não endoidecer, à falta de comunicação com outras pessoas, cantava ele, saudoso, as suas cantigas do sertão distante, monologava no curso do trabalho, falava ao seu cão e aos próprios utensílios de suas tarefas. Era o meio de vencer o ambiente aterrador, quando não contava, como hoje, com o pequeno rádio de pilha, atualmente tão comum naquelas brenhas.

A extração do látex se fazia em meio a intenso calor, úmido e sufocante, que a mata fechada, de tão densa, não permitia a circulação normal do vento. E quando o caboclo, lavado de suor e afogueado, voltava ao tapiri levantado na clareira, a pancada do vento lhe abria as portas à pneumonia, enfermidade responsável pela morte de muitos seringueiros.

Alimentavam-se de conservas, que as casas aviadoras mandavam aos lugares mais distantes. Essas casas aviadoras é que abasteciam os seringais, financiavam as operações custosas, comerciavam com hévea e ficavam com a melhor parte. Mas eram necessárias. E se pode avaliar a sua importância naquele comércio, naquela exploração, naquela colonização do deserto.

Havia casas aviadoras de firma alemãs, inglesas, americanas, francesas e portuguesas (39). Convém destacar o nome de um aviador, o Barão de Santo Elias, a quem se refere Arthur Reis. "Português, com casa em Belém, foi graças à iniciativa desse homem que financiou a expedição do cearense Gabriel de Carvalho Melo, seu aviador, que o Aquiry, o Acre, foi descoberto e se fez a sua imediata incorporação ao mundo do ouro negro, levando o Brasil a possuir uma nova fronteira econômica e a conseqüente fronteira política"(40).

Jorge Kalume esclarece que o pioneirismo cearense, manifestado na expedição de 3 de abril de 1877, sob o comando do Comendador João Gabriel, não ficou naquele grupo, que foi seguido de outros (41). Diz ele:

> "Tempos depois, animados pelo arrojo desses primeiros intrépidos patrícios, entravam no mesmo rio, pelo vapor "Apiy", sob o comando do piloto Apuniano Vele, chegando ao lugar denominado Santo Antônio, o Coronel Girão, Henrique Leônidas, Vicente Ferreira Nogueira, os Irmãos Leite (Frutuoso, Heráclito, José e Enéias), Xavier Barbosa, Joaquim de Aguiar, Jerônimo Correia Padre, Felismino dos Santos, Antônio Escolástico de Carvalho e outros. Vale registrar que os elementos de ambos os grupos eram filhos do Ceará".
>
> "Posteriormente, novas famílias chegaram, se estabeleceram e, batendo a floresta virgem em busca de hévea e do caucho, quase duas gerações depois surgiram em Porto Alonso, atualmente Porto Acre".

Passada a fase da conquista do território, a colonização se fez em termos de organização familiar. Essa colonização se incrementaria depois da Guerra do Acre. Antes, o seringueiro, na observação de Abguar Bastos (42), marchava, do "centro" para o barracão, como da solidão para a promiscuidade. "Aí encontrava companheiros mas não parentes. Encontrava a sua classe não a sua família".

Os esforços que se fizeram em prol da agricultura, em terras por sinal tão ferazes, por iniciativa, originalmente, do próprio Plácido de Castro, iriam, esses esforços, dar à colonização a estabilidade necessária ao desenvolvimento da região sob o ponto de vista do crescimento dos núcleos populacionais.

O colapso da borracha também contribuiria para tanto. O homem se salvaria no ciclo da castanha (43) e, sobretudo, com a fixação provocada pelas culturas agrícolas.

---

(39) - Leandro Tocantins, op. cit., pág. 203.
(40) - Arthur Reis, op. cit., pág. 89.
(41) - Jornal "Rio Branco", do Acre, edição de 10.11.1976.
(42) - Op. cit., pág. 43.
(43) - Tocantins, Op. cit., pág. 216.

O seringueiro, com mulher e filhos, retomando o fio de sua formação doméstica, aliás bem cristã e nordestina, seria agora o elemento estável de nova ordem social.

Vêm a propósito estas palavras de Virgílio de Sá Pereira, aplicando-as ao sertanejo do Acre:

> "Trabalhei trinta anos, suei, mourejei, abati a floresta, sequei o pântano, lavrei a terra e sameei a mesma. Ali levantei a minha casa, ali me nasceram os filhos, cresceram, se fizeram homens, e circunvagando os olhos por todo este campo e todo esse passado, eu posso, enfim, dizer como o poeta: "C'est ici ma maison, mon champ et mes amours".

A aplicação daquela nova ordem social daria começo à esplêndida realidade do Acre de hoje, manifestada no seu progresso e no valor incontestável de sua gente.

Convém acrescentar que a colonização do Acre pelos cearenses teve outros incremento na década de 40, já neste século. Dois fatores contribuiram para que, a partir de 1942, nova migração se fizesse, dessa vez mais bem organizada do que as de antanho. É que sobreviera, sobre o Nordeste, a seca de 42, e a conquista dos seringais do Oriente, pelos japoneses, impôs a procura da borracha amazônica para o esforço de guerra dos países aliados. Os acordos de Washington garantiram os preços do produto e se criou o Banco de Crédito da Borracha, com capitais brasileiros e norte-americanos.

À falta de dados estatísticos precisos, não se sabe, ao certo, quantos cearenses emigraram para o Acre, naquele período, conduzidos pelo SEMTA (Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia) e pelo CAETA. O Dr. Manoel Franco Neves, cearense residente no Acre, estima que aproximadamente 45.000 pessoas, procedentes do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, na maioria cearenses, chegaram ao antigo Território, fixando-se lá boa parcela, pois muitos regressaram.

O certo é que, para o desbravamento e colonização do Acre,o elemento cearense preponderou de tal modo que, na atualidade, a maioria que ali moureja é cearense de nascimento ou descendente de cearense.

7
A GUERRA DO ACRE

A vitória acreana no conflito armado do começo do século foi, inquestionavelmente, a consolidação da posse brasileira sobre o vasto território, todo ele palmilhado e explorado pela audácia do sertanejo.

Dando-se conta dos valores que perdia na exploração da borracha, e de outras riquezas em potencial, a Bolívia resolveu ocupar a região que oficialmente lhe pertencia, mas que era tida, até então, como "tierras no descubiertas".

Estabeleceu ali, em meio já exclusivamente brasileiro, os instrumentos de sua soberania, causando com isso profundo desgosto entre os verdadeiros donos da terra.

Essa ocupação contava com a aquiescência oficial do Brasil, e foi de iniciativa do coronel José Manoel Pando, então exilado em território brasileiro. Esse oficial boliviano, Presidente daquela República, posteriormente, no período em que se desenrolou a Guerra do Acre e se fez a paz com O Tratado de Petrópolis, chefiara um golpe militar contra o Presidente Anicete Arce. Frustrado e asilado no Brasil, Pando foi ao Acre, mediu distância e calculou que a vastíssima área pertencia ao seu País. Alertou o seu governo, o que lhe valeu o perdão e provocou o máximo interesse da Bolívia na disputa de tão rico território. Resultou das demarcações e entendimentos diplomáticos o reconhecimento dos alegados direitos bolivianos. O próprio Governo brasileiro, a 22 de novembro de 1898, o próprio Ministro do Exterior do Brasil, Dionísio Cerqueira, comunicava a Dom José Paravicini que poderia instalar alfândegas nos rios Acre e Yaco, sendo que esse Ministro fundou o povoado de Puerto Alonso e ali estabeleceu estação fiscal da Bolívia, à margem do rio Acre.

Nessa altura, como sabeis, o jovem advogado e jornalista cearense, José Carvalho, à frente de seringalistas e seringueiros armados, a 1º de maio de 1899, fez capitular o administrador e comandante boliviano, D. Moisés Santivanez, marcando o início da revolução acreana.

Quando José Carvalho fez substituir o pavilhão estrangeiro pela Bandeira Nacional, em Porto Acre, fê-lo com todo o respeito, como ele próprio conta (44):

> "Ao se aproximar o soldado que vinha arrear a bandeira, eu disse para todos:
>
> - Camaradas ! a bandeira boliviana vai ser retirada, mas peço que haja diante deste ato absoluto silêncio.
>
> Não podemos conter o riso, quando um seringueiro, num tom muito peculiar aos cearenses sertanejos, observou:
>
> - Não, Patrão ! sempre se dá um vivazinho ao Brasil !
>
> - Não se dá vivas a ninguém ! - disse contendo com esforço o riso - está nisso a nossa dignidade, desde que os bolivianos, vencidos, a nada se opõem!"

Conheceis muito bem a vossa história política, que é de ontem, e sabeis o rumo que os acontecimentos tomaram. A reação da Bolívia, querendo

---

(44) - "A Primeira Insurreição Acreana", Pará, 1904, pág. 22.

manter-se no Acre; a acomodação inicial do Governo brasileiro, reconhecendo direitos do país andino; a constituição de uma corporação de capitais britânicos, alemães e norte-americanos, o Bolivian Syndicate, perigosa ponta de lança do imperialismo no âmago do Brasil; a proclamação da fugaz República do Acre, sob os auspícios do governo do Amazonas, sob a chefia de Dom Luis Galvez Rodrigues de Arias, um espanhol sagaz e aventureiro; a expedição "Floriano Peixoto", denominada pelo povo "Expedição dos Poetas", formada por escritores, poetas e jornalistas de Manaus, ardorosa no seu patriotismo mas que fracassou nas operações militares; a comoção nacional favorável aos brasileiros defensores do Acre; o levante ampliado de 1902, sob o comando de Plácido de Castro, o valente e cavalheiresco gaúcho, lutando nos extremos setentrionais da Pátria, ao lado dos sertanejos nordestinos, em favor da soberania do Brasil, do mesmo modo como esses mesmos nordestinos, mais de uma vez, nos extremos meridionais, foram lutar pelo mesmo ideal, nas campanhas do prata.

Conheceis muito bem os lances épicos da campanha acreana, naquelas guerrilhas que os antigos habitantes do Nordeste aprenderam nas guerras holandesas, e praticaram na luta inglória de Canudos.

Recordai-vos da retirada de "Volta de Empresa", no local mesmo da vossa Capital, mas também das vitórias subseqüentes, de todos os episódios da campanha, desde a tomada de Xapuri, a 6 de agosto de 1902, até o surgimento do Estado Independente do Acre, a 27 de janeiro de 1903, com a derrota total do exército estrangeiro.

Lembrai-vos de que depois de campanha tão custosa ao heroísmo e pertinácia dos vossos ascendentes, o esforço de tantos foi premiado, porque o País, sob a esclarecida visão de Rio Branco, e mesmo a compreensão da Bolívia, fez surgir, definitivamente incorporado à comunhão nacional, o portentoso Território do Acre, hoje uma das unidades mais brasileiras da Federação.

Depois do Tratado de Petrópolis, outras constestações se fizeram ao domínio brasileiro sobre o Acre. Era a vez da República do Peru, a reclamar terras no Alto Purus e no Alto Juruá.

Novamente os seringueiros, com o seu rifle papo-amarelo, tiveram de defender as colocações (45) já estabelecidas na floresta conquistada a duras penas, até que, novamente, a habilidade de Rio Branco concertasse a paz.

Se me permitis, em palavras finais, alertar-vos sobre o futuro, direi que o Acre, que é vosso pelo suor e pelo sangue dos vossos ancestrais, não é imune a tentativas de novas espoliações.

Lembrai-vos de que, segundo Gilberto Freyre, "é considerável o atual interesse, tanto da parte dos russos soviéticos como de anglo-americanos, pelos espaços e áreas tropicais".

---

(45) - Colocação: área de exploração da borracha.

Lembrai-vos do brado de alerta de Arthur Reis, no seu livro "A Amazônia e a cobiça Internacional".

Lembrai-vos das lições e dos exemplos dos fundadores do Acre, e sustentai, com vigor, nos vosso pulsos, a Bandeira do Brasil.